

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Anuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Comunicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

PARA ONDE VAMOS?...

Pela terceira vez no presente anno se abriu o que por euphemismo se convencionou chamar parlamento, sem que em nenhuma das que funcionou merecessem a atenção dos governos ou dos *paes da patria* alguns d'esses problemas, que necessitam urgica e acertada resolução, para que o Paiz periclitante se não afunde de todo.

Muito ao contrario. Os negocios de capital interesse para a integridade e dignidade nacionaes furtaram-se á sanção e discussão do parlamento, que representa, bem ou mal, o Paiz, e alguns resolveram-se de animo leve, pois não acreditamos no proposito anti-patriotico. Vide tratado luso-transvaaliano, etc.

O que, porém, não deixou de ser ventilado em S. Bento e no Terreiro do Paço, foram as nomeações de *regedores* e as conveniencias de mesquinho partidario ou interesses individuais.

D'ahi vieram os tumultos, que tornaram impossiveis as sessões, se não foram *habilitosa* combinação para adiar a complicada e compromettedora questão dos *adeantamentos*, confiando-se em que a nossa bem provada amnesia os deixasse para sempre sepultados no esquecimento. E a presente sessão, o que irá ser?

Não é difficil a ante-visão, de que continuarão as escaramuças entre os grupelhos monarchicos para assegurar o predomínio, a successão, ou o talher, de que tudo girará á roda dos interesses sectaristas e de que d'esta vez ainda pontificará a velha raposa dos Navegantes.

A questão dos *adeantamentos* será abafada após o protesto platonico dos republicanos e declaração *fidelissima* de homenagem á Corôa por parte dos dissidentes. Assistiremos assim ao espectáculo tórpe de vêrmos o parlamento, isto é o Paiz, cobrir com a impunidade o *sumiço* de tantos milhares de contos! Maior vexame nos espera ainda, pois, se é vergonhoso, immoral e covarde que o povo se deixe espolar por meia duzia de corruptos, que usam o mesmo nome patronimico, maior vergonha, maior covardia é que á paciencia *sganarellica* de sof-

rer os de casa junte a suprema ignominia de acceitar o jugo estrangeiro, sem que o galvanise uma intensa corrente de patriotismo, que o faça resurgir para a vida da dignidade ou o fulmine com honra na lucta pela independencia. E a porta foi expontaneamente aberta alli em Lourenço Marques; é só querer entrar!

Sem que a Nação protestasse ruidosa e effizmente, como era de esperar de quem parecia vir dando mostras de querer levantar-se, consumouse o crime de se introduzir a *administração estrangeira* em Lourenço Marques, que o mesmo foi que satisfazer os desejos da nossa *desinteressada aliada*.

Com o caminho de ferro de Lourenço Marques entregou-se a provincia de Moçambique e com ella o trafico discrecional dos pretos indigenas.

E são os *maitres chanteurs*, que tanto se horrorisam com a sorte dos pretos de S. Thomé, que arrancam á subserviencia perdigueira dos nossos governos a escravidão dos indigenas de Moçambique!

Está aberta uma solução de continuidade no solo sagrado da Patria, tantas vezes regado com sangue portuguez para sustentar o nome portuguez!

Assusta-nos o facto pelo que tem de execrando e anti-patriotico e talvez ainda mais pela doença, que parece revelar: a apathia, o torpôr, a quasi indifferença pelo attentado, que poderá manter-se perante a ameaça da perda total.

Ai de nós, os que sentimos dentro do peito uma alma, que vibra de dôr com os males da Patria, que tristes dias parecem approximar-se, que nuvens negras parecem acastellar-se no horizonte!

Ai principalmente de nossos filhos, a quem legaremos patrimonio de ignominia e de miséria!

E ai de todos, que, mergulhados na mais criminosa das indifferenças, soffreremos o cruel supplicio de ser estrangeiros na propria Patria!

Mas não serão estes presagios infundados temores avolumados por imaginação pessimista? o organismo patrio estará tão combalido, teremos descido tanto na escala do civismo, que nos não revolte *esta venda a retalho? o ultima-*

tum, o 31 de janeiro, a lucta contra a dictadura e tantas outras manifestações de energia, não seriam mais que galvanizações passageiras, que esgotaram a Nação depauperada pelos ladravazes de casa e corrompida pela relaxação do *alto? não; não é crível.*

Mas o Estado inclue no seu orçamento a bagatella de sete a oito mil contos para o exercito e tres a quatro para a marinha, incumbindo-lhe a missão especial de velar e morrer pela integridade da Patria? e essas corporações de tradições tão brilhantes quedar-se-hão entorpecidas, ensarilharão as armas perante os traidores domesticos? a reacção, que tudo invade e é cosmopolita, terá transformado o exercito do Bussaco em *guarda pretoriana* para sustentar o throno e os beatos? Receamos bem que sim. Mas, se o não move o amor da Patria, não o estimulará o acicate do proprio bem-estar? não são patentes os exemplos da Polonia e do Egypto?

E' de primeira intuição que, estabelecida a administração estrangeira, a primeira corporação a sentir-lhe os desastrosos efeitos será o exercito.

E' mesmo já da Historia; Gomes Freire perneou na forca por conta dos inglezes, ha pouco tempo, para que o facto tenha esquecido.

Dispensada do serviço militar, para que servirá a maior parte da nossa officialidade? Para nada, pois que de mais nada curaram, quando fizeram o seu curso elementar e technico. Na hypothese, que o Destino afaste, está-lhes, a grande parte, reservada a sorte dos seus collegas da Polonia e do Egypto. Esmolar pela Europa fóra, cantando com nostalgia as canções do seu Paiz, que podem ser a «Maria Cachucha» e o «Choradinho», e servir mesteres humilhantes. Nenhum official portuguez terá abancado n'algun café do Cairo, batido as palmas e ordenado ao cabelo branco d'algun antigo coronel egypcio, que o sirva? e não terá estremecido de horror com o pensamento de sorte semelhante?

Quem estas linhas escreve continuará a ganhar a vida do mesmo modo sob o protectorado ou dominio de Eduardo VII, e receia muito chegar a ter o prazer satânico de bater

as palmas e dizer com intimativa: «ó meu capitão, tragame um café». Não levaremos a vingança tão longe, que recusemos a gorgeta.

Mas não! Isto é sonho mau. O exercito ha-de cumprir o seu dever por honra nossa e proveito seu.

Orlando.

ECHOS DA SEMANA

Gralhas

Ha-as de todo o tamanho e abundantemente em todos os numeros d'este jornal. De tal modo que dada a inutilidade do protesto nos abstemos, habitualmente, da emenda e do... aqui d'el-rei. Na «Cronica do theatro» por exemplo, entre muitas outras, saú tão estropiado o final que, quase nos tornam grosseiros para com senhoras que respeitamos, e é precisamente por isso que vimos varrer a testada; ai de nós! inutilmente para a revizão, que continuará, impassivelmente, a anavalhar o que lhe mandamos.

Oito mil contos

O exercito portuguez custa anualmente á nação o sacrificio deveras pezado de oito mil contos de reis. E' uma mancheia de bagalhoça com que se pode fazer muita couza e que dá, indubitavelmente, para se ter, na nossa relatividade, verdadeiramente um exercito. Pois com tudo isso é couza que não existe, ou, ao menos, a jente por mais que olhe e procure não dá por tal. Aparece o soldado aqui, alem, ora n'uma festa acompanhando santaralhões de argamassa, ora nas feiras, nas eleições, em toda a parte precisamente, onde não é possivel sem degradação, que se conceba uma farda. Até, agora, nas grèves, representando não a neutralidade armada da lei e do estado mas tornando-se em rodilhão, em servente de uma companhia industrial! Até nisso, postos os braços dos soldados de enjeharia á disposição e ao mando de uma empreza particular.

Assim, não é exercito, seria de saire dar-lhe tal nome — em toda a parte do mundo dignificado, e, entre nós, sendo o que se vê. E' simplesmente, por mercê e ordem de quem governa uma *claque*; cara, muito cara, pois que nos custa anualmente uns oito mil contos... fortes.

Preparando a paz

Para ter a paz é preciso estar prevenido para a guerra — aforismo. A França aumenta poderosamente as suas forças de artilheria, crence na efficacia do adajio e na conveniencia de ter muitos e bons canhões, servidos por abundancia de artilheiros bem amestrados.

O mesmo, é claro, fará a Alemanha, que as nações, como os homens, não podem vêr no vizinho uma camiza lavada sem a consola-

ção, pelo menos, de se desforrarem comprando doze. Alem da artilheria constroem dirijiveis de guerra, alem dos dirijiveis constroem *dreadnoughts*, alem d'estes ultimos constroem metralhadoras e submersiveis, isto é, aproveitam para a efficacia guerreira todas as maravilhas da Invenção. Essas maravilhas porém são caras, carissimas. Já a Alemanha para as poder possuir, alem dos fabulozos milhões que dispense com os armamentos, se vê forçada a arrancar do contribuinte, cada ano, mais cento e cincoenta e nove mil contos; proporcionalmente, o mesmo terão de fazer a França, a Inglaterra, a Russia, a Austria, etc., etc. Quase um milhão e quinhentos mil contos é o que custa a paz europea, e a dar-se a progressão constante dos ultimos anos não será temerario supor que chegue a dois milhões de contos de reis. Depois, um belo dia, como um balão que tem gaz a mais essa horrorosa paz estoira ou n'um *crak* liquidativo de tal sistema ou, então, n'uma carnificina jeral, convencidos os governos de que lhes sãe mais barata, incomparavelmente, a guerra.

Absoluções

Foram, finalmente, absoltos pelo tribunal militar os sarjentos acuzados de comprometidos no movimento revolucionario do 28 de janeiro. Vinha-os perseguindo a nojentissima baba da mais vil e negra denuncia, e não faltavam almas de estercó dos bandos pelados da reacção que, torvamente, aos honrados militares os não acariacissem com o seu odio falsario. Mas os juizes não eram lama, e não quizeram deixar de honrar a alta instituição de justiça, que representam, dando uma bela e reparadora sentença.

Um protesto

Na sessão da «Junta Liberal» Arthur Leitão insurjindo-se contra a indefinição clara, iniludial, do carater e ação da junta, acentou, acertadamente, que esta tem de ser caracterizada por A ou B na politica portugueza, pois que a reacção é o paço, e o ultramontanismo é a monarchia.

Não nos iludamos uns aos outros, nem baralhemos os factos de modo a tirar-m'os d'eles as conclusões da nossa preferencia; acitemol-os como se nos oferecem e não os deformemos torcendo-os, vizualmente. Quem é liberal de facto e de dentro tem de sêr, pela força maior das couzas, anti-dinastico; tem de topar como seu inimigo maior alem do jezuita — o trono da graça. Possa ou não sêr agradável e comodo, o que não pode é sêr denegado nem com sofismas, nem com narizes de cera.

«A Junta Liberal» que se diz fóra da periferia politica tem *quand-même* de se resignar a ella, e escolher, rezolutivamente, o seu posto. Senão morre. Senão é fumo.

Uma grève

Findou apoz oito dias de dura a grève dos empregados dos carris de ferro do Porto. Parcialmente,

os dignos proletarios obtiveram vantagens e reconhecimento de direitos proprios, e, sempre, na estrada semana da greve, admiravelmente mantida, os acompanhou e fortaleceu a estima jeral e funda da população da cidade. E' que toda a jente reconhecia a justiça das reclamações do pessoal grévista, e pelo seu proceder conciliador, correcto, nobre, maior relevo e apreço ganhou a causa que defendiam. Deram um belo exemplo de solidariedade, mostraram-nos um aspecto de forças sociais disciplinadas, inteligentes, sensatas. Correlativamente, o reverso anarquico, inepto, afronozou deu-o esse governo furta côres que está de posse do estado, envolvendo o exercito portuguez na contenda d'uma maneira ignominiosa e iniqua; fazendo da glorioza farda portugueza um muito mesquinho e muito grosseiro emprego.

Os pobrezinhos

Quem de nós não terá ouvido lamentarem-se os fieis crentes da pobreza da Igreja, e quantos sermões, por esse mundo, não choram a pobreza do catolicismo e a quase miseria do papa-coitadinho, um pobre santo prisioneiro!... Pois amiguinhos, olhem que é de assobio essa tal pobreza. Só em França a fortuna das congregações apurou-se sêr de cento e oitenta mil contos, e na Belgica, o brinquinho *potager* do jesuitismo, tal fortuna congreganista ascende a quinhentos e quarenta mil contos de reis (palavras de Miguel Bombarda). Em Hespanha, em Portugal não se sabe a quanto montam as riquezas das madres e dos bons padres, mas devem sêr colossaes ainda que os dois povos sejam relativamente uns pobrezinhos. Só em apostolados, em bulas, e em varias especies de simonias habilmente exploradas, que canalização de dinheiro, que rico campo de opimos lucros! Se cristo cá viesse e os visse havia de crêr, o pobre visionario, que o enganavam os olhos. Tão ricos, tão hipocritas, tão cheios de odio, tão farizaicos, o doce Jesus havia de imaginar que eram demonios misticadores a impinjirem como sua doutrina, sob a égide do seu nome, a mais desenfreada e mais pertinaz ambição. Havia de supô-lo, assim, quando, afinal, eles não passam de eternos e imundos comediantes.

O blóco

Pódre como certa fructa e a desfazer-se de todo; é como o dão certos noveleiros, são e rijo como um

carvalho cerquinho é o que dizem outros profetas.

Seja como fôr o grude com que o colaram é de má raça, e foi atalhadamente amassado o que, evidentemente, é negado por Alpoim e jesticulado pelo Vilhena, e com estes calores de julho, solda ordinaria e mal feita, é provavel que se derreta. Que a nós a curiosidade de adivinhar não nos faz caminhar um passo, cá, estamos com Sá de Miranda que é admiravel companhia. «Por novas não vos canceis»... Pois sim senhor. Entendido.

Verdades

Na sessão da «Junta Liberal» disse Marinha de Campos:

«Não distingue, entre os adversarios da liberdade, os membros do clero nacional, dos padres e frades estrangeiros. Pelo contrario, nota que são os parocos e priores das nossas igrejas quem nos confessorarios, nos altares, nos pulpitos e na imprensa tem promovido a guerra mais encarnçada contra a democracia portugueza».

Ainda que doa é assim—e poderiamos depôr se preciso fosse.

O padre liberal é um caso de tetratologia ecclesiastica, rarissimo, depreciadissimo, quem cresce em honras, em bens, em numero é o padre tartufo, ultramontano, fanatico; e todos os anos as manadas que saem dos seminarios trazem marcado para toda a vida o vinco da obra congreganista.

São jezuitas tanto como os de Roma, sem que lhes valha o «distinguo».

O jogo

Noticia o nosso collega «A Discussão» que baixaram ordens para a repressão do jogo a que chama o *mais pernicioso vicio*, um verdadeiro cancro social.

Apoiado, collega! E já não é a primeira vez que entre nós ha concordancia de vistas!

Ha pouco foi sobre o duello e agora sobre o jogo. Teme o collega que isto seja fôgo de vistas *para inglez vêr*, o que tambem nós reaceamos, porque está a chegar a epocha balnear que é aquella em que o governo annualmente *treme a sessão* de prohibir o jogo.

Nós cumpriremos o nosso dever, apoiando as medidas repressivas que a auctoridade local tomar, mas havemos de lhe lembrar que o Furadouro pertence ao concelho e que por lá ha batotinha marôta, sem ao menos, como se faz por outras partes, reverter nada em favor

—Aquilo é que é cabeça!—disse baixinho, tocado, um dos conegos a outro conego.

Generalizou-se a cavaqueira. Faziam-se brindes laconicos, circunspectos, com um grande respeito, indicando-se el-rei por um simples jesto de olhos.—A virar! a virar!—Carminavam-se os conegos. O dom prior de Guimarães sugeriu uma lembrança graciosa ao barão. Que havia dois *padres Marcos*, ambos priores de Guimarães. Mas o lejitimo, o de S. Gens de Calvos, dizia do outro:

—Forte bebedo!

O visconde Nunes ria sarcasticamente: e enquanto os padres n'um crescendo palavrozo, expluiam sarcasmos ao outro padre Marcos, o secretario privado curvou-se sobre o hombro de el-rei e segredou-lhe:

—Carrega-lhe!

—Ora!!...

—Quanto?

—2.

—3 Anda-me. 3.

—Será muito!...

—Bolas. 3. Por minha conta.

Coisa limpa.

E, em voz alta e voltado para o grupo:

—El-rei pergunta se o senhor conde de Quadros tem familia, se tem senhora e filhos.

da beneficencia ou melhoramentos locais.

Lá é só para os socios da empreza da jogatina. E seja para quem fôr nós repontaremos; e o collega não de xará de nos apoiar.

Contamos com isso.

Iluminação publica

Era má por natureza a iluminação, que nos davam, mas á força de termos habituado a retina á luz mortifica do petroleo já tinhamos adquirido resignação para andar de noite quasi ás escuras por essas ruas, que bem podiam ter a felicidade de pertencer a uma villa, onde a administração merecesse algum cuidado.

Agora porém, eliminou-se de vez essa parca luz, não a deixando transparecer para fóra dos candieiros, a quem forra uma espessa camada de negro de fumo e reveste *ad cavendum* identica de poeira, tornando-os completamente opacos talvez mesmo aos raios X.

Ora isto nem por conveniencia politica se pôde explicar, nem por medida economica se pôde justificar, porque se *não gastará mais nada* em obrigar os empregados a fazer limpeza. Só uma inacreditavel incuria, reveladora da intensa relaxação de costumes, que caracteriza actualmente a sociedade ovarense, é que pôde explicar um tal estado de coisas.

Obriguem-se os empregados ao cumprimento dos seus deveres e aumentem-se-lhes o salario, se o actual é mesquinho. Quasi com a certeza de bradar no desertoahi fica a nossa reclamação.

ARA

A' mocidade das escolas

Por terra, a tunica em pedaços, agonizando a Patria está
O' Mocidade, oiço os teus passos!...
Beija-a na fronte, ergue-a nos braços,
não morrerá!

Com sete lanças os traidores
a trespassaram, véde lá!...
O' mocidade! unje-lhe as dores,
beija-a nas mãos, cobre-a de flores,
não morrerá!

Turba de escravos libertina
nem ouve os gritos que ela dá...
O' Mocidade, ó louca heroína,
pega na espada, arma a clavina,
não morrerá!

Já desfalece, já descora,
já balbucia... é morta já...
Não! Mocidade, sem demora!
Dá-lhe o teu sangue ebrio d'aurora,
não morrerá!

Rasga o teu peito sem cautela,
dá-lhe o teu sangue todo, vá!
O' Mocidade heroica e bela,
morre a cantar!... morre... porque ela
reviverá!

Guerra Junqueiro.

O Bezerra perguntou ao Zeferino.

—Que soubesse sua majestade—disse o pedreiro, mais animado, que o fidalgo de Quadros tinha dous rapazes e tres raparigas, uma já casada, mas que a fidalga, a mulher d'ele, aqui ha anos atraz tinha fujido com o doutor dos Pombaes e nunca mais voltára.

—Desgraças!—disse o capelão mór—Desgraças! A corrupção dos tempos... Se se não acudir quanto antes a isto não sei que volta se lhe hade dar.

Fez-se um silencio condolente. Todos sentiam o cazo infausto.

O rei continuava a escrever, de vagar, pulindo a frase, boleando os periodos; achava d'ficultade em se medir com as locuções redondas e muito adjectivadas da retorica do padre Rocha. Animava-o porem a idea de que D. Miguel não tinha fama de sabio, e que a sua carta seria mais verosimil com alguns aleijões gramaticaes. Releu a carta, e acrescentou ás virgulas. Pediu obreia ao Nunes. Acudou o padre com uma quadrada, de certa grandeza, vermelha, cuidadosamente recortada. O envelope ainda não tinha subido até Lanhozo. Sua majestade dobrou em quatro a folha do almagço e sobrescreitou:—*Ao conde de Quadros general do exercito real.*

FOME NEGRA

Vae em quatro mezes a safra do pescado na nossa costa e cada dia, cada semana, passam-se sem um dia feliz na pesca. sem uma colheita remunerante. O már apresenta a sua superficie movel aos olhares angustiados do pescador e esteril, nos seus fundos, não reserva para o trabalhador incansavel senão algas e um ou outro punhado de pescaria sem prestimo. Dara continjencia para as centenas de braços que teem de dar sustento, vida, a prolferas e numerozissimas familias, dura continjencia para quem não tem mais onde ganhar senão ali, n'aquela tarefa ardua, precaria, improductiva. Sem ganhos, sem reservas para acudir a um cazo de miseria como agora, o pescador—centenas e centenas de creaturas—tem de sofrer a fome no seu ideal estado de absoluta carencia. Não é agora pela primeira vez—os anos escassos não são fenomeno raro—e não hade sêr pela ultima, desgraçadamente.

Classe votada ao mais criminozo abandono, sistematicamente desprotejida, quando muito o que lhe dão é em relatorios e em discursos a honra de a considerarem uma das produtoras por excellencia da riqueza publica. Nem assistencia, nem reforma corporativa, nem mutualismo sob a forma de cooperativas produtoras, caixa de soccorros:—nada, nada se faz para a colocar a seguro das safaras como a d'este ano, nada se promove para a melhoria da sorte d'esses *poor fellows*.

Governantes d'alto e governantes de baixo, em dezenas d'anos e tendo, quantas vezes perante os olhos o espectáculo da miseria do pescador; nunca pensaram n'ele senão nos momentos de sentimentalismo official, uma pieguice que mete poesia oca, manca, e nenhum proveito efectivo. D'antes os politicos aproveitavam-lhe as condições de miseria e bruteza para o embriagarem e levarem á pratica de violencias vis, quando das eleições disputadas, não dando mais, não dando outra couza á pobre jente, em educação, em interesse nobre. Hoje aproveitam-no ainda a mesma casta de homens nocivos, fazendo á custa da miseria e simplicidade do pescador malabarices como a da primeira vizita do rei ao norte, cheia de promessas, cheia de lérias, redundando, como de costume, em esquecimento, em desprezo. Não se regulamentou, devidamente, a area de pesca dos vapores de modo a tornar inofensiva á pesca costeira aquela industria arruinadora dos jazigos de abastecimento. Não se cumpre o pouco que ha, expresso, sobre o diame-

tro da malha de rêde, de modo a não se prejudicar o desenvolvimento da criação. Não se teem estabelecido ao longo da litoral as escolas de piscicultura que em França, nos Estados Unidos, etc. abastecem, constantemente, as aguas oceanicas de milhares de milhões de especies desde as de consumo mais economico e mais comum até ás mais raras, de alto valor qualitativo. Não se tem querido defender o operario maritimo nem das condições de perigo e risco profissional, nem das ladroerias e explorações de inumeras empresas sem hombridade. Não se tem feito a sua educação morjerando-o, instruindo-o, valorizando-o por uma compreensão melhor do destino, estimulando-o ao cooperativismo, ao auxilio mutuo, á caixa de alivio. Teem-no deixado ao abandono, teem-no confinado no Deus-dará. Se o ano é bom, farto, incitam-o por mil diversas maneiras a despezas perdularias na taberna, se é máo, se é detestavel, lamentam-se quase todos; em todos nasce a apreensão, mas não é porque se sofra, porque se sinta a miseria horrivel «a fome negra» de centenas e centenas de bocas. E' porque a falta de pescado traz a paralisação de muitos negocios, é porque não se ganha dinheiro com a fartura ficticia, momentanea, da maré de rozas do pescador...

Em tudo, este pobre paiz dá-nos a real e desconsoladora impressão de um abandono, de um desleixo, de uma incuria e desprezo a que só se resignam os organismos já moribundos, de todo e irremediavelmente perdidos. No desprezo a que tem sido votada a classe dos pescadores, esse mal que é a caracteristica d'um sistema falso e falido transparece mais cruamente, mais negramente que em tudo o mais.

E as familias dos desventuradissimos parias que mendiguem de porta em porta ou que se deixem, socegradamente, finar á mingua... visto o estado e a igreja lhes marcarem no quadrante da vida o seu logar de humilhações e de fome. Pois que não ha tempo para tratar d'eles, n'este apressar da final ruina.

Polvora sêca

Trabalhadores, eram d'aquella exercito escuro a que Karl Marks bradou: «Proletarios do mundo univos». Passavam sem interrupção, sem folga, sem alta 12, 13, 14 horas guiando carros, levando o apressado citadino dos escritorios, da consulta, da loja, aos suburbios, aos

em quanto não posso abraçal-o pessoalmente. Adeus.

A côrte saíu em recuações, dando-se mutuos encontrões para não voltarem as costas á majestade.

A creada appareceu então esfandegada para pôr a meza, que estava a ceia pronta, e que o frango com arroz não esperava—que era precizo comê-lo logo que estava feito. Ficou para ceiar o Nunes. Ceava sempre com el-rei e com o abade.

O Zeferino, que tinha ali a egua e conhecia o caminho, não quiz ir pernoitar a Santa Marta de Bouro. Havia luar e saía um rancho de romeiros para o S. João do Monte. Partiu em direção a Braga, e ao outro dia de tarde apeava no sonoro pateo da caza de Quadros por onde entrára com a egua em grande estropeada, com a cara escandecida n'uma conjeção de jubilo.

O Cerveira estava a dormir a sesta.

—Apanhou-a hoje d'aquella casta! Como um cacho!—informou um cazeiro. Mandou aparelhar a poldra castanha do sr. Egas, com os col-dres das pistolas, escanchou-se na sela, com a espada dezembainhada, e desatou a galope por debaixo das ramadas, a dar gritos, «Avança dragões, carrega esquadrão».

N'esta ocasião, o Cristovão Bezerra chamou de parte o Nunes, falou-lhe em segredo, e terminou em voz alta: «se fôr do agrado de sua majestade».

—Eu vou falar a el-rei—disse Nunes com satisfatoria condescendencia.

Acercou-se do outro, com os braços pendentes, os pés juntos, um pouco inclinado, e falou-lhe baixo.

—Sim, respondeu o monarca.

—Está servido, sr. Barão—communicou o secretario e foi rejistar no livro das Mercês, proferindo em voz alta: *Sua majestade ha por bem nomear sarjento mór das Lamelas Zeferino Ferreira, em atenção aos serviços de seu pae o coronel Gaspar Ferreira.*

—Vá agradecer a el-rei, sr. sarjento mór—disse o barão de Bouro ao pedreiro. Zeferino foi ajoelhar querendo beijar as botas ao homem. Levante-se, amigo—disse o principe.

Aqui tem a resposta da carta do meu amigo Cerveira Lobo. E' necessario que ninguem veja este sobrescrito. Tome sentido, que ninguem saiba a quem esta carta é dirigida. Vá com Deus, e estimaria vel-o aqui, sr. sarjento mór, com outra carta do meu honrado amigo,

(18) FOLHETIM

Camillo Castelo Branco

A Brasileira de Prazins

Havia mastigação de mandibulas pezadas; as forminhas eram frescas, muito torriscadas, davam ranjidos n'uma trincadeira voluptuosa. Conversava-se em dois grupos. O sarjento mór de Rio Caldo contava passajens de caça no Gerez, com enfaticos arremedos, movimentados, da alteneria. Que o porco bravo viera direito a ele e cortava mato, troncos de jiesta como a sua coxa—e mostrava—; tinha apanhado de raspão a cadela, a Lijeira, raça de todos os diabos, que o atacava pela orelha, e ficou alejada para nunca mais; e ele então caíra sobre a esquerda, e trepára a fraga da Portela, e esperára o porco na clareira; e mal ele apontou, *pumbal* meteu-lhe tres zagalotes no quadril.

—A jente a falar incomoda talvez el-rei...—observou o barão de Bouro.

—Podem conversar á vontade que não me incomodam.

quefazeres; por eles e pela electricidade—admiravel associacão—era o corpo soturno, vasto do arruamento arterialmente vivificado. Do seu logar de supplicio na plataforma, na revizão, defeza de fumar uma cigarada, de saltar n'um estabelecimento, de injerir uma refeição; como se fossem meramente acumuladores, em relações de circuito com o jerdador de força continua. A tração assim lho exija cominatoria e brutal visto que para o endurecimento mercantil dos interesses que lhes exploravam a precizão, trabalhadores, isto é material gratuito de aquizção, valiam menos que maquinas. Portanto multados sem julgamento correcto; tratados nas reclamações como inimigos a que se não dá quartel; reduzidos quanto possível nos salarios, no ganha-vida: situacão de miseria e de rebaixamento especifico.

Revoltaram-se, chamando o recurso do desespero, a arma tem vel —a greve.

Espetaculo pouco vulgar deram o alto exemplo da solidariedade perfeita e da resistencia ideal, foram, como homens, admiraveis de tino, de disciplina, de perseverança; em poucas partes e poucas vezes terá alguém assistido a uma revolução tão serena e visto creaturas com tão elevada noção do caracter e condções do conflicto.

Assistia-lhes a indefetivel justiça, fortificava-os a sympathia popular, iam portanto vencer...

Ah! venceriam:—um quase nada, ah! colheriam pouco—bem pouco—do que lhes era devido... Tiham a Companhia sob o joelho, iam ditar a lei—é certo. Mas intervem o soldado, aparece o infeliz militar, e mudam de face as couzas. A disciplina, o devêr, agarram o «sem vontade», instalam-o no carro paralizado, ensinam-o militarmente, e ahi vae no conflicto um par, um consocio dos revoltados, fazer gorar a greve—fazer derrotar os seus. Isto é assim em todos os conflictos, isto dá-se com todos os choques entre o capital e o povo trabalhador. Vence este, vae ditar condções ao lucro, vae adquirir para si o seu pedaço de espaço, quando o seu irmão, o seu filho, d'arma carregada lhe embarga o passo, lhe inutiliza o sacrificio durissimo das privações que passou, do esforço, da tenacidade que dispendeu.

El impedindo-o do justo preço da victoria, á ordem de superiores que representam o inimigo comum, ás vezes, chacinha os seus, assassina a sua familia.

E' horroroso isto mas é remedial, contudo. Instrua-se o soldado, dê-se-lhe a dignificação a que ele deve ascender como primeiro dos cidadãos, e cessará o mal entendido, acabará a contradicção. Porque a greve, então, quando rebeutar na officina propagar-se-lha ao quartel, tornará inuteis as espingardas com que as Companhias poderosas triumpham, esmagam, vexam.

Tal succederá, custe o que custar, mas para isso é indispensavel que se liberte o soldado da educacão do governo. Essa libertação é a primeira *étape* a obter, a primeira revolução social a conseguir do progresso.

Só depois sua Santidade o Dividendo capitulará, reconhecendo á vida do homem os direitos que ninguém nega aos animaes domesticos e aos utensilios de uzo comum.

João Fel.

CHRONICA AGRICOLA

X L V

Pela segunda vez, desde que estas chronicas veem a lume me vejo na necessidade de fazer uma rectificacão; não porque não tenham sahido mais gralhas que facilmente são suppridas por quem lê, mas porque só d'estas duas vezes alteram por completo o que desejo dizer.

A rectificacão d'agora é no annexim popular que é precisamente o contrario do que sahio, e deve lêr-se:

Quem *deita* cal sem estrumar Arruina-se sem pensar.

E posto isto sigamos na nossa faina que nos levará ainda hoje talvez a fallar outra vez da cal, examinando outros estrumes entre os quaes talvez o de maior importancia entre nós—o

MOLISSO

O molisso é, como todos sabem, extrahido do fundo da ria e composto na sua maior parte de plantas aquaticas: a *sêba*, o *sibarro*, o *virgo*, *folhadas* ou *alface do mar* e outras variedades já conhecidas até ao numero de quinze, e que trazem agarrada uma grande quantidade de barro preto a que se chama *lôdo* ou *andua*.

A adubação com o molisso tem pois dois effeitos—o de *adubação*, pelos elementos nobres que contém, e o de *correctivo*, pela quantidade de materia organica e sobretudo pelo barro que traz para os terrenos.

D'aqui se conclue que é um adubo eminentemente proprio para as areias soltas que vae agregando e tornando mais humiferas, e assim se explica que só com elle se tenham feito magnificos e productivos campos nos terrenos marginaes da ria, ainda ha pouco d'areia movediça das dunas maritimas. Nós conhecemos bem a Gafanha mas não querendo sahir da freguezia temos os terrenos de Torrião de Sameiro feitos quasi exclusivamente com o molisso que o proprio lavrador apanha, o qual ha bem poucos annos nada produzia.

O molisso é em geral pobre dos elementos necessarios á planta, necessitando por isso de ser empregado em doses elevadissimas o que pareceria pouco economico pelo seu transporte. Mas é de considerar que o transporte é insignificante visto que os barcos que o colhem o levam quasi ao ponto onde tem de ser empregado e que quanto maior for a massa empregada, mais barro leva e portanto mais energico é o correctivo.

A riqueza do molisso varia necessariamente com a planta que n'elle predomine e com a natureza do terreno onde se colhe.

Segundo Ferreira Lapa, cada 100 partes tem 1,020 d'azote; Motta Prêgo attribue-lhe—por cento—0,35 d'azote, 0,33 d'acido phosphorico, 0,94 de potassa e 1,14 de cal em media, o que, repetimos, ha-de ser extremamente variavel.

Admittindo, com elle, que uma tonelada de molisso fresco perde com secar 630 kilos d'agua que contém, fica pesando 370 kilos com 9k,45 d'azote, 8k,9 d'acido phosphorico, 25k,4 de potassa e 30k,8 de cal.

Vê-se pois que é d'uma riqueza approximada á do estrume de curral, mas os seus effeitos não são tão rapidos porque a nitrificação do molisso é mais demorada em virtude da natureza do terreno em que é empregado, como melhor verêmos quando fallar sobre a nitrificação. Convém, pois, empregar a cal, não para satisfazer as necessidades das plantas porque da analyse que acima transcrevo se vê que o molisso é sufficientemente rico de cal, mas a que possui não chega para actuar sobre a enorme quantidade de materia organica que com elle se incorpora no terreno, mas sim para solubilizar os elementos que essa massa contém.

Conviria, ainda, segundo M. Prêgo, o emprego de 2 a 3 toneladas de cal de 4 em 4 annos por cada 12 1/2 alqueires de sementeira.

Se bem que me pareça bom o emprego da cal, acho excessiva a dose; devêmos notar que se a nitrificação por um lado é lenta, por outro a mobilidade dos terrenos e a humidade que de si possuem ou das regas activam poderosamente a sua combustão.

O que se vê de tudo isto é que o molisso é um bello adubo e correctivo sobretudo para as areias; mas deve-se lavar com agua doce ou pelo menos deixal-o escorrer bem antes de o empregar porque a agua salgada d'onde é tirado contém *chloreto de sodio* (sal commum) o que se em pequenissimas doses chega a beneficiar, prejudica altamente logo que essas doses se elevem um pouco. Tambem me parece que se não deve empregar em cobertura, como vulgarmente se faz para adubar as hervas.

Como regra geral os adubos organicos devem-se incorporar no solo e quando tenham de se empregar em cobertura devem escolher-se os mais curtidos e divididos.

Vida Partidaria

CONVITE

Comissão paroquial da freguezia de Ovar.

Não se tendo realizado domingo passado a eleição d'esta comissão republicana ficou a mesma para domingo proximo, dia 25 do corrente. A eleição é no centro republicano, pelas 7 horas da tarde, e convidam-se todos os cidadãos republicanos a tomar parte na eleição.

Pela comissão municipal,

Antonio Valente d'Almeida.

Comissão paroquial republicana de Valega.

Realizou-se domingo com boa concorrência, na importante freguezia onde um nucleo ativo, energico e honesto de republicanos poderosa-

mente atua sobre a vida local, habitualmente enfeudada, submissa ao cacicato camponio. Os nossos correligionarios de Valega, batalhadores cultos, libertos pelo trabalho e a inteliçencia da superstição, mantem no povoado, brilhantemente, o fogo sagrado e vivificante da aspiração republicana.

Ao acto eleitoral assistiram delegados da comissão municipal que fora convidada pelos nossos amigos de Valega a fazer-se representar.

O resultado da eleição por maioria de votos é o seguinte:

Efetivos:

José de Oliveira Lopes
José Maria da Silva Graça
Manoel da Silva Pereira e Pinho
Manoel Pereira de Mendonça Junior
Manoel Pereira da Silva.

Substitutos:

José Manoel de Oliveira Lopes
Manoel Albino da Cruz
João Maria Pereira de Pinho
João Pereira de Azevedo
Manoel Alves.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Faz ámanhã annos o snr. dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.

Cordeaes felicitações.

—Está quasi restabelecido da doença de que foi acommettido, com o que nos congratulamos, o filhinho mais novo do nosso illustre amigo dr. Pedro Chaves.

—Vindo de Lisboa, encontra-se ha dias com sua esposa na sua excellente vivenda *Villa Paraense* do Furadouro, o nosso estimadissimo correligionario e amigo snr. commendador Manoel Pereira Dias.

Os nossos respeitosos cumprimentos de boas vindas.

—Do regresso da Capital, tambem se encontra entre nós o nosso sympathico amigo Alvaro Valente de Almeida.

—Partiu no sabbado passado para Entre os Rios, afim de fazer uso de suas aguas, o nosso amigo Manoel Gomes dos Santos Regueira.

—Tambem com fim de fazer uso de aguas thermaes, partiu terça-feira para Vizella, o snr. Manoel Paes.

Partiu segunda-feira para Lisboa, com destino á Ilha do Principe (Africa), o nosso patricio Frederico dos Santos Lima.

Boa viagem e felicidade.

—Com destino ao Rio de Janeiro, partiram no mesmo dia para Lisboa, o filho mais velho do nosso correligionario snr. Manoel Pereira Valente e o snr. Antonio Manoel André Redes e filho.

Muitas prosperidades.

—Chegou de Manaus, o nosso conterraneo snr. José d'Oliveira da Cunha.

—Esteve domingo entre nós, regressando novamente ao Porto, o nosso presado amigo João Evangelista Nunes da Silva.

—A sua casa de Vallega, chegou ha dias de regresso de Porto Alegre (Brazil), o snr. Domingos José Rodrigues dos Reis.

Desastre

No dia 14 do corrente, foi colhido pelo comboio rapido ascendente da tarde, no logar das Poças de Gonde, de Vallega, o pequeno José Maria, de 5 annos, filho dos guardas da linha ferrea, José da Fonseca e Maria de Pinho, da freguezia de Avanca.

A infeliz creança, que soffreu morte instantanea, ficou horrivelmente esfacelada.

No dia immediato foi feita a autopsia ao pequeno cadaver perante o juizo de paz de Vallega.

Moedas de 200 réis

Foi prorogado até 30 de novembro o praso para a troca das moedas de prata de 200 réis, de cunhos anteriores ao actual reinado.

Contra o que se tem dito na imprensa, essa troca abrange tambem as moedas de igual valor, *commemorativas do centenário da India*, do que prevenimos os nossos leitores para não serem logrados, porque passada aquella data, deixarão de ser recebidas como dinheiro nos cofres do Estado.

Festas e diversões

Realisa-se no domingo proximo na igreja parochial a festividade em honra da Senhora do Carmo, promovida por uma comissão de devotos.

Além de exposição do Sacramento, ha de manhã missa solemne a grande instrumental e sermão ao Evangelho e de tarde vespersas, sermão e procissão, na qual é conduzida em andor a imagem da Virgem.

E' orador de manhã o snr. Padre Augusto Ramos dos Santos, abbede de S. Felix da Marinha, e de tarde o snr. Padre João Roque Ferreira, abbede de Fermentellos.

—Decorreu muito animada, tendo concorrência grande e selecta, a diversão effectuada domingo na rua da Fonte.

Exames

Está-se procedendo aos exames do 1.º grau d'instrucção primaria nas escolas d'este concelho, tendo dado até agora o seguinte resultado:

Alumnos da escola official do sexo feminino, de que é professora a snr.ª D. Aurelia Aurora Duarte Silva:

Approvadas com *Optimo*:—Albertina Dias d'Oliveira e Cunha, Arlette Franco Pinheiro Gaios, Ijalina da Costa Martins, Judith Lopes Brandão, Joanna Coelho da Silva, Maria d'Oliveira Dias, Maria José Gomes, Maria José Ramillo, Margarida Emilia Soares Janeiro, O'lympia Adelia Marques da Silva.

Approvadas com *Bom*:—Maria da Conceição Brandão, Maria da Conceição Rebello, Maria Gloria Correia, Maria José Brandão, Maria Ramillo, Palmyra da Costa Paulo.

Com *Sufficiente*:—Maria do Céu Batatel, Alda Figueiredo.

Da escola do sexo feminino do Bairro dos Campos, de que é professora a snr.ª D. Leolina Pires:

Approvada com *Optimo*:—MATHILDE DA GRAÇA RIBEIRO.

Approvada com *Bom*:—MARGARIDA GOMES DA SILVA.

Escola Municipal Ferrer:

Approvada com *Bom*:—BRANCA DA FONSECA MADUREIRA.

Da escola official do sexo masculino do Conde Ferreira, de que é professora a snr.ª D. Gracinda Augusta Marques dos Santos:

Approvados com *Optimo*:—ALEXANDRE D'OLIVEIRA MENDES, ALVARO DOS SANTOS ESPERANÇA, ANTONIO D'OLIVEIRA DA GRAÇA, ANTONIO DA SILVA DE PINHO, ANTONIO RODRIGUES MOREIRA, EDUARDO SOUZA, EDUARDO BASTOS, FRANCISCO CAÇÃO, JOÃO RODRIGUES CAÇÃO, JOÃO MARQUES SÔPA, HERNANI DA SILVA CERVEIRA, JOAQUIM CAMPOS JUNIOR, ANTONIO SOARES DA COSTA,

Antonio d'Oliveira Paciencia, Joaquim da Silva Figueiredo.

Approvedo com *Bom*:—Americo da Silva Paiva.

O's exames dos alumnos da mesma escola ainda continuam.

Direitos de mercê

Pelo recebedor d'este concelho vão ser avisados todos os funcionarios e ex-funcionarios publicos que devem, ainda, direitos de mercê á Fazenda Nacional, para effectuarem o seu pagamento no praso de cinco dias, sob pena de processo executivo.

Esta medida obedece a ordens rigorosas, que superiormente foram transmitidas ás recebedorias d'este districto.

Contribuições do Estado

Termina no dia 31 do corrente o praso para o pagamento voluntario da 2.ª prestação das contribuições Predial e Industrial, relativas ao anno findo.

Jurados

Foram sorteados no 1.º do corrente os seguintes jurados que hão-de tomar parte nos julgamentos dos crimes communs no 2.º semestre de 1909:

Manoel Dias de Carvalho, d'Ovar; Augusto Gomes Loureiro, d'Esmoriz; Antonio Joaquim da Fonseca, de Vallega; Manoel Ferreira da Costa, d'Esmoriz; Antonio Alves da Cruz Mendonça, de S. Vicente; João Pereira d'Oliveira, d'Esmoriz; José Maria d'Oliveira Picado, de Vallega; Ernesto Augusto Zagallo de Lima, d'Ovar; Antonio Gonçalves Pinto, d'Esmoriz; Manoel Fernandes Leite, d'Arada; Antonio Rodrigues Fanêco, d'Ovar; Manoel Antonio Pinto de Castro, d'Esmoriz, Silviano Pereira da Cunha (D.), d'Ovar; Constantino Gomes de Pinho, d'Ovar; Antonio Banto Silva Valente, de Vallega; José Maria Rodrigues da Silva, d'Ovar; Abilio José da Silva, d'Ovar; Francisco d'Oliveira Lopes, de Vallega; Antonio d'Oliveira Picado, d'Ovar; José Dias de Sá, d'Esmoriz; João Antonio Lopes, d'Ovar; Domingos Marques de Pinho, de S. Vicente; Antonio Pereira de Carvalho, d'Ovar; João Rodrigues da Fonseca, de Vallega; Manoel Caetano do Amaral, de Vallega; Antonio Carmindo de Souza Lamy, d'Ovar; João Pereira d'Azevedo, de Vallega; Affonso José Martins, d'Ovar; Antonio Godinho d'Almeida, de Vallega; Manoel Roiz da Graça, d'Ovar; Antonio Francisco d'Almeida, d'Esmoriz; José Maria Dias de Rezende, d'Ovar; Manoel da Silva Pereira e Pinho, de Vallega; Antonio da Silva Brandão Junior, d'Ovar; José Maria Pereira dos Santos, d'Ovar; Manoel Gomes da Silva Bonifacio, d'Ovar.

Despedida e agradecimento

José Maria Antunes da Silva tendo de embarcar para a cidade do Pará, Brazil, e não podendo despedir-se pessoalmente de todas as pessoas das suas relações d'amizade, fal-o por este meio, pedindo desculpa da sua falta, e offerece o seu nullo prestimo n'aquella cidade.

Tambem agradece, penhoradissimo, a todas as pessoas que, durante a sua longa doença, o visitaram ou se interessaram pela sua saude, protestando-lhes o seu inolvidavel reconhecimento.

Ovar, 8 de julho de 1909.

